

RETRATOS DE ESCRITORES NAS CARTAS DE ITALO CALVINO: VITTORINI, PAVESE, MORANTE

*Andréia Guerini**

Universidade Federal de Santa Catarina

*Tânia Mara Moysés***

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O objetivo deste artigo é capturar e analisar alguns “retratos” dos escritores italianos Elio Vittorini (1908-1966), Cesare Pavese (1908-1950) e Elsa Morante (1912-1985), revelados no epistolário de Italo Calvino (1923-1985), constituído dos livros *Lettere 1940-1985* (2001) [Cartas 1940-1985] e *I libri degli altri: Lettere 1947-1981* (1991) [Os livros dos outros: Cartas 1947-1981]. De antemão, sabemos que esses “retratos” são parciais, suas datas são as mesmas das cartas respectivas, alguns se multiplicam mais, atualizando-se em sequência, ao longo do tempo, outros menos, como fios urdidos que vão compondo a tessitura da relação intelectual e humana que Calvino revela ter com eles. A escolha desses três nomes se justifica por serem alguns de seus principais interlocutores (Vittorini e Pavese, fortes presenças na Editora Einaudi de Turim, na qual Calvino trabalhou por mais de trinta anos e Elsa Morante, escritora e amiga cuja carreira foi acompanhada de perto por ele), com contribuições fundamentais para a vida intelectual e pessoal de Calvino e, ainda, por esta troca epistolar constituir um testemunho da vida literária, política e social italiana nos anos 1940-1985.

Palavras-chave: Literatura italiana. Italo Calvino. Epistolário. Escritores. Retratos.

“Um retrato não é um documento de identificação, mas, de preferência, a curva de uma emoção”.¹
(JOYCE, [1904])



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

* Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-doutora pela Università degli Studi di Padova (2010) e doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). E-mail: andreiaguerini@gmail.com.

** Pós-doutora em Estudos da Tradução (2013) e doutora em Literatura (2010) pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: taniamoyses@uol.com.br.

¹ Quando não indicadas nas referências, as traduções das obras citadas são de nossa autoria.

Introdução

A epistolografia atravessa os séculos, sobretudo por sua constante utilidade como gênero de escrita que se transmuta, sem perder a característica basilar da comunicação, graças também à sua capacidade de adaptação aos novos suportes tecnológicos que nascem no transcurso da história da humanidade, como podemos observar na era virtual.

Quando se trata de cartas *d'autore*, segundo a locução adjetiva italiana usada para indicar que o remetente é “um artista renomado e de reconhecido valor”, podemos afirmar que a carta, fictícia ou real, alcança a distinção de gênero literário, apesar dos percalços que tem enfrentado, ao longo do tempo, para firmar-se como tal entre os críticos (MOYSÉS, 2010, p. 15-16).

As cartas trocadas entre interlocutores reais representam grandes contribuições dos escritores, cientistas e intelectuais de todos os tempos, recolhem-se na mina do tesouro da palavra e dessa são extraídas e materializadas, graças à publicação de epistolários. Essa radiância também se difunde com a publicação do epistolário de Italo Calvino, constituído por dois livros: *Lettere 1940-1985* (2001) [Cartas 1940-1985] e *I libri degli altri: Lettere 1947-1981* (1991) [Os livros dos outros: Cartas 1947-1981], organizados respectivamente por Luca Baranelli e Giovanni Tesio, que, em seu conjunto, trazem à luz 1303 cartas *d'autore*, destinadas efetivamente a interlocutores existentes.

Notoriamente um leitor assíduo, por gosto e por dever de ofício, é através da discussão sobre literatura e livros, e, por consequência, sobre os grandes temas da humanidade, que se desvendam características dos *outros* nas cartas de Calvino e, talvez por isso, no ensaio “Letteratura e potere (su un saggio di Alberto Asor Rosa)” [Literatura e poder (sobre um ensaio de Alberto Asor Rosa)], publicado originalmente no jornal *La Repubblica*, em 13 de janeiro de 1983, ele reclama aos estudiosos a descrição crítica dos interlocutores envolvidos em suas análises: “Esta é uma crítica que faço aos estudos contemporâneos italianos no seu complexo: quando se estuda um movimento, uma revista, um autor, primeiramente é necessário descrever aqueles que eram os seus interlocutores ou oponentes ou pares”. (CALVINO, 2001g, v. II, p. 1836).

Vale lembrar que em *I libri degli altri* [Os livros dos outros] muitas das cartas de contrapartida se apresentam em notas de rodapé, o que ocorre minimamente em *Lettere* [Cartas]. No primeiro caso, e por se tratar preferencialmente de cartas editoriais, o leitor passa a compreender melhor os objetivos literários e temas dos autores das obras submetidas aos editores Einaudi. No segundo, é na voz de Calvino-remetente que se concentram as vozes e,

também, os pontos de vista de seus interlocutores-destinatários, com a consequente compreensão, por parte do leitor, dos temas tratados, os quais se abrem com a clareza que se vale, quando indispensável, de pequena nota explicativa (MOYSÉS, 2010, p. 23). Contudo, muitas vezes, as vozes e temas de determinados escritores se apresentam nas cartas endereçadas a outros destinatários, nas quais são referidos². De uma forma ou de outra, esse fluxo epistolar constitui um testemunho da vida literária italiana nos anos 1940-1985, no sentido de coparticipação dos escritores nos acontecimentos políticos, sociais e intelectuais de suas épocas.

Diante disso, escolhemos Joyce [1904] para a epígrafe deste artigo, pois, como no gesto de quem folheia um álbum de fotografias, nosso objetivo é capturar, no epistolário de Calvino, “retratos”³ de alguns desses tantos interlocutores e analisá-los, sabendo, de antemão, que retratos ou “curvas de emoções” são parciais, suas datas são as mesmas das cartas respectivas, alguns se multiplicam mais, atualizando-se em sequência, ao longo do tempo, outros menos, como fios urdidos que vão compondo a tessitura da relação intelectual e humana que Calvino revela ter com eles. Nossas escolhas recaem sobre Elio Vittorini e Cesare Pavese (ambos foram as principais referências profissionais e humanas de Calvino na editora Einaudi) e Elsa Morante, cuja obra *Menzogna e sortilegio* (1948) [Mentira e sortilégio] suscitou uma das primeiras resenhas da autoria de Calvino e o consequente acompanhamento de sua carreira pelo escritor, com admiração literária e afeto.

Elio Vittorini: o trabalho como “experiência e imaginação”

Na Einaudi, Calvino terá a oportunidade de assimilar a experiência de uma geração um pouco mais velha de intelectuais que, há mais de dez ou quinze anos, já se moviam no mundo da cultura e do debate político, escritores como Elio Vittorini (neste momento, Calvino já colabora com artigos para *Il Politecnico* dirigido por ele), Cesare Pavese e Natalia Ginzburg, além de historiadores como Delio Cantimori e Franco Venturi, e filósofos, entre os quais Norberto Bobbio e Felice Balbo (CALVINO, 2001, p. LIII).

Os retratos dos escritores acima, sobretudo os de Vittorini e Pavese, são muito vívidos no epistolário e eles estão também entre os primeiros críticos do primeiro romance de Calvino, *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947) [*A trilha dos ninhos de aranha* (2004)]. Como

² No epistolário, os estudiosos encontram matéria-prima para “descrever” muitos interlocutores de Calvino que, por meio de consonâncias e dissonâncias, revelam o “mundo escrito” e o “não escrito” em que se vivifica a literatura italiana do século XX. As 1303 cartas ocupam 2172 páginas e incluem 2270 nomes, pois, além dos destinatários, a soma inclui os nomes referenciados na intertextualidade (Moysés, 2010, p. 93).

³ Aqui também poderia ser útil pensar nos biografemas, de Roland Barthes, pois estamos voltados para detalhes de um olhar que emerge dessa relação epistolar. Ver: BARTHES, 2005; 2011.

Calvino revela ao escritor Silvio Micheli, na carta de 20 de junho de 1947, “os pareceres sobre o romance, de quem o leu até agora, são muito vários: segundo Pavese, é belíssimo; segundo Natalia, também; segundo Ferrata, é errado, sem fantasia, escrito em jargão, cheio de convenções e não sei o quê mais; segundo Vittorini, mais ou menos [...]”. (CALVINO, 2001, p. 194).

Na verdade, a primeira grande presença a marcar os vínculos de Calvino com a Einaudi, já no início de sua relação de mais de trinta anos com a editora⁴, é a de Vittorini. Ele é citado, pela primeira vez, na carta de 07 de março de 1943, a qual Calvino destina ao confidente da juventude, Eugenio Scalfari (o futuro fundador do jornal *La Repubblica*, hoje nonagenário e ainda atuante jornalista): “*li Conversazione [Conversa na Sicília]* de Vittorini e você, que me conhece, compreenderá logo que me entusiasmou [...], além do estilo ‘à americana’ também pela profundidade de pensamento” (Calvino, 2001, p. 122). Essa ideia não se esvaece no retrato de Vittorini, tanto que, quase trinta anos depois, Calvino elogiará a ideia de Giovanni Falaschi de indicar o livro para leitura escolar, na carta de 04 de novembro de 1972: “Apreciei muito o seu programa de avaliação escolar de *Conversazione in Sicilia [Conversa na Sicília]*. Copiei aquele trecho da sua carta e o distribuí aos colegas da Einaudi como exemplo de um método de trabalho sério”. Essa avaliação é tão promissora que, em 1975, organizado por Falaschi, o livro será publicado pela Einaudi na coleção “*Lecture per la scuola media*” [Leituras para a escola média] (CALVINO, 2001, p. 1183 e n. 8).

Mas não se iluda quem pense que o senso crítico de Vittorini gire na esfera da proteção, com referência aos “amigos”. Na carta de 22 de março de 1947, Calvino desabafa com Marcello Venturi:

Fui ao encontro de Vittorini que me reprovou o enésimo conto que lhe havia mandado. Você sabe que, desde que publicaram *Andato al comando* [Passado ao comando] não consegui mais publicar um conto no ‘Politecnico’? Há mais de um ano continuo a mandar meus contos e a vê-los recusados. O bom Elio tem gostos tremendamente estranhos, eu discuto a cada vez, mas, depois de um pouco, reconheço sempre que ele tem razão. (CALVINO, 2001, p. 186).

Até hoje, *Il bianco veliero* [O branco veleiro] de Calvino continua inédito, valendo o juízo crítico de Vittorini, em seu parecer editorial enviado a Natalia Ginzburg na carta de 26 de setembro de 1949: “Não devemos dizer a Calvino amigo que faz mal a si mesmo, e talvez não pouco, publicando um livro como esse? Eu lhe diria para retomá-lo, relê-lo a frio e ver se

⁴ O vínculo de Calvino com a Einaudi se estabelece de 1947 a 1983: como funcionário registrado a partir de 1º/janeiro/1950 e como diretor de 1º/janeiro/1955 a 30/junho/1961. Desse período em diante, trabalha como consultor editorial, embora também tenha sustentado um trabalho orgânico como responsável pela coleção *Centopagine*, de 1971 a 1983 (CALVINO, 1991, p. IX).

não pode reescrever, digo reescrever, todas as páginas da 56 à 197.” (CALVINO, 2001, p. 247, n. 1). Calvino confirma sua atenção à opinião desfavorável de Vittorini, na carta de 1º de outubro de 1958 ao crítico Aldo Camerino, que lhe solicita um escrito a publicar pelo editor Bino Rebellato: “anuncio-lhe oficialmente, como ao mais fiel dos meus críticos [...]. O único texto narrativo totalmente inédito [...] é *La mercantessa inesperta* [*A mercante inesperta*] de 1947. Devia continuar um longo romance picaresco-neorrealista [*Il bianco veliero* [*O branco veleiro*]], mas dele se salvam apenas umas sessenta páginas.” (CALVINO, 2001, p. 560-561 e n. 2).

As muitas cartas editoriais (Vittorini trabalha em Milão para a Mondadori, mas é consultor editorial da Einaudi) revelam um amplo discurso sobre submissões que ensejariam outros artigos, como, por exemplo, a carta de 07 de novembro de 1952, sobre a publicação na coleção “Millenni” [Milênios] de *Commedie* [Comédias] de Carlo Goldoni: “Li o seu prefácio ao Goldoni e estou muito de acordo com a parte central: a questão do respeito ao homem em todas as suas manifestações, mesmo mínimas (agora não tenho em mente as palavras precisas, mas o conceito me é claro e me parece justo levá-lo em conta.” (CALVINO, 1991, p. 72).

Observa-se em Calvino, como já dissemos sobre *Il bianco veliero* [O branco veleiro], a continuada valorização do parecer de Vittorini sobre sua obra – como durante a preparação de *Il barone rampante* (1957) [O barão nas árvores (2009)]: “Caro Elio, queria informá-lo de que as suas observações [...] me foram muito úteis e acredito ter encontrado uma fórmula para atenuar a disparidade estilística dos últimos capítulos em relação aos primeiros.” (CALVINO, 1991, p. 222). Isso vale também para os livros dos outros, como clarifica ao poeta Mario Socrate, na carta de 05 de março de 1964, sobre a submissão à Einaudi de *Tutto il tempo che occorre* [Todo o tempo que ocorre], que causou uma série de discussões pró (inclusive Calvino) e contra na Editora: “depois de todas essas disputas, o seu livro agora foi dado a Vittorini. O parecer de Vittorini é o único que não poderia contradizer, mesmo quando é contrário a algo a que eu me atenha, porque vem de uma personalidade que aprecio e respeito.” (CALVINO, 2001, p. 784)⁵.

Ao indicar literatura italiana para tradução em russo, na carta de 28 de novembro de 1957 ao tradutor Lev A. Veršinin, Calvino descreve Vittorini:

um dos escritores que mais influiu sobre a minha geração. É uma pena que a sua produção criativa, há cerca de dez anos, tenha quase esgotado, mas *Conversazione in Sicilia* [*Conversa na Sicília*] foi para nós um livro revolucionário e *Uomini e no* [*Homens e não*], com todos os seus defeitos, um testemunho da estação literária da

⁵ Embora, segundo Vittorini, não seja indispensável, o livro será publicado pela Mondadori, no mesmo ano. (L, p. 784-785, n. 2).

nossa Resistência. Também *Donne di Messina* [*As mulheres de Messina*] tem páginas belíssimas, embora não se possa considerar uma obra acabada. (CALVINO, 2001, p. 531).

Sete anos depois da carta acima e de sua demissão do PCI – Partido Comunista Italiano, ao considerar-se também um isolado do clima literário predominante na Itália, na carta de 20 de março de 1964, destinada ao escritor e editor Franco Lucentini, Calvino se espelha em Vittorini: “O meu distanciamento do clima literário vigente eu demonstro reafirmando-me discípulo e sócio do mais isolado dos homens da literatura italiana: Vittorini. Se não, que sentido tem colocar o meu nome junto ao seu no ‘Menabò’?” (CALVINO, 2001, p. 788), ele pergunta, referindo-se à revista fundada por Vittorini com a sua codireção, editada no período 1959-1967, e caracterizada por uma sequência de importantes debates sobre o papel dos intelectuais frente à crise das ideologias e sobre o problema específico da profissão de escritor.

Calvino se opõe à ideia do crítico Enzo Siciliano, no livro *Prima della poesia* (1965) [Antes da poesia], de que Vittorini seja visto como “rejeição da história”, conforme se observa na carta de 22 junho de 1965. Para Calvino, a literatura é vista por Vittorini como “função histórica”, inclusive quando mira a ciência, pois o seu antitradicionalismo, ou recusa ao passado, deriva de razões históricas, de “uma hipersensibilidade ao significado histórico de toda forma literária”, mas sob o signo do determinismo: “É essa sua parcialidade que faz de Vittorini uma das poucas personalidades de algum significado (na área italiana) e, acredito, ainda atual.” (CALVINO, 2001, p. 874-875).

Em 12 de fevereiro de 1966, falece Vittorini. Várias cartas de Calvino a intelectuais ligados sobretudo às submissões ao *Menabò* aludem à agonia do amigo e “mestre”, como a de 24 de novembro de 1965, ao tradutor e poeta Angelo Maria Ripellino: Calvino indaga sobre o modo como “esse corpo e esse espírito continuam dia a dia a viver” e busca a resposta na “vitalidade espiritual de Elio [que] tem recursos maravilhosos, não se sabe até que ponto ajudada pelo não saber o nome de seu mal, e até que ponto parte determinante de um ‘não querer sabê-lo’, de um fazer ‘como se não o soubesse’.” (CALVINO, 2001, p. 904).

O epistolário registra a atividade intensa de Calvino, na interlocução com seus pares, no preparo do *Menabò* (edição 10, 1967), dedicado inteiramente a Vittorini, que seria o último número, embora ele o preparasse com a ideia de responsabilizar-se pela “continuidade de trabalho voltada constantemente em direção ao futuro”, como afirma ao editor Giulio Einaudi, na carta de 29 de junho de 1966 (CALVINO, 1991, p. 564). Porém, essa continuidade não aconteceu, talvez, por considerar o *Menabò* “uma iniciativa muito pessoal de Vittorini,

extraordinário animador da literatura italiana” (CALVINO, 2001, p. 950-951), como escreve ao estudante inglês John Woodhouse (que preparava uma pesquisa sobre os livros de Calvino), na carta de 05 de abril de 1967.

Como muito do conteúdo das cartas se complementa nos ensaios calvinianos, a nosso ver o fecho do ensaio *Vittorini: progettazione e letteratura* (1967) [*Vittorini: planejamento e literatura* (2006)] , publicado no último *Menabó*, atualiza os vários retratos capturados nas cartas de nossa seleção, os quais podem ainda desdobrar-se em outros tantos, através de novos estudos que busquem “o nome do futuro”...

Um discurso que sempre esteve aberto, é inútil procurar fixá-lo no ponto em que se interrompeu. Mas fica clara a indicação de método, a linha sobre a qual Vittorini constantemente se moveu: o primado da experiência e da imaginação sobre a absolutização ontológica ou gnoseológica ou moralista ou estética; poesia, ciência, tecnologia, sociologia, política como *experiência e imaginação*. Eis o sentido de um trabalho que tende a se mover da profecia ao projeto, sem que a sua força visionária e alegórica se perca; que procura o nome do futuro, não para cristalizar o futuro, mas porque nome *verdadeiro* é apenas aquele que, quando se encontra, é preciso procurar outro, ainda mais *verdadeiro* [grifos no original], e assim por diante. (CALVINO, 2001d, v. I, p. 187).

Como observa Di Grado, para as “três ou quatro gerações” que se abeberaram nas fontes das “ambivalências, desta literatura que é áspera batalha das ideias, mas também mito, evocação e sombras, modulação de inéditas linguagens [...] circundada de uma aura de iniciação, [...] Vittorini foi sem dúvida mestre e *leader* carismático” (2012, p. 90 [grifo no original]). Entre as quais, a geração de Calvino.

E tudo isso, embora Calvino não entendesse os motivos pelos quais Vittorini o incluía como copartícipe em seus projetos, como revela na carta de 31 de janeiro de 1978, ao tradutor Guido Neri, na qual, entre vários assuntos, menciona a não realização da revista *Alì Babà* (sobre a qual ambos e Gianni Celati se empenharam no período 1968-1972): “[...] a culpa disso é que vocês tinham confiança em uma função minha de promotor, entretanto eu sou apenas capaz de dizer alguns mas. (E Vittorini dizia que eu servia justamente por isso, quando lhe perguntavam por que me associava às suas iniciativas).” (CALVINO, 2001, p. 1361).

Podemos dizer que, de um modo diverso, mas com a mesma intensidade, a figura de Vittorini se associa à de Cesare Pavese, outro mestre e amigo einaudiano, o “leitor ideal” com quem Calvino também aprendeu e valorizou o ofício de traduzir e o trabalho editorial, como revelam os retratos que delinearemos a seguir.

Cesare Pavese: “ser e fazer”

A história da amizade entre Pavese e Calvino começa quando da transferência deste último para Turim: “Conheci Pavese de 1946 a 1950, ano de sua morte. Era ele o primeiro a ler tudo aquilo que eu escrevia. Terminava um conto e corria até ele, para fazê-lo ler”, afirma no ensaio “Pavese, Carlo Levi, Robbe-Grillet, Butor, Vittorini...”, originalmente uma entrevista concedida ao jornal *Il Giorno* (1959). (CALVINO, 2001h, v. II, p. 2718).

Além de leitor ideal, Pavese foi o introdutor do jovem Calvino no mundo da tradução. Não obstante a censura fascista, Pavese, que havia organizado com Vittorini a antologia de contos *Americana* (1941)⁶, incentivou o jovem escritor a traduzir Joseph Conrad, como atesta a carta de 22 de março de 1947, na qual ele passa suas impressões sobre o novo ofício a Marcello Venturi: “Pavese se empenha em rever a tradução palavra por palavra, para não me deixar causar má impressão. Tenho que dar duro, mas tenho todo um ano de tempo e, assim, poderei aprender bem a tradução do inglês, com a orientação de Pavese.” (CALVINO, 2001, p. 187).

A primeira lição sobre tradução vinda de Pavese prioriza o necessário conhecimento da língua de chegada e a revisão competente. Beneficiado com essa e outras lições e vivendo a experiência da tradução logo no início da carreira, a partir dos anos Cinquenta, o trabalho editorial assumido após a morte de Pavese exigirá também de Calvino a busca de tradutores, a negociação de prazos e remunerações e a revisão de traduções (GUERINI; MOYSÉS, 2010, p. 31-33).

Outro aprendizado, por mais difícil que tenha sido, tem a ver com política: apesar de para Calvino política significar (pelo menos até 1957, ano de sua demissão do PCI – Partido Comunista Italiano) ação ou militância, ele consegue compreender “a posição de Pavese diante da política [que] representa uma singular característica: de extremo rigor e de extremo distanciamento”, como escreve à estudante Roberta A. Giannoni, na carta de 07 de fevereiro de 1953 (CALVINO, 1991, p. 82-84).⁷

⁶ A carta de 20 de março de 1964, destinada ao escritor Franco Lucentini, refere-se a uma discussão sobre o prefácio de Lucentini e Carlo Fruttero a *La verità sul caso Smith. Antologia della nuova narrativa americana* (Mondadori, 1963) [A verdade sobre o caso Smith. Antologia da nova narrativa americana]. Nela Calvino reafirma seu apreço pela antologia *Americana*: “Se, todas as vezes que me ocorreu, sempre repeti que nasci na literatura através daquela América lá que vocês condenam (aquela de Pavese e Vittorini), isso quer dizer que aquela imagem para mim continua a contar, embora submetida a todas as críticas.” (CALVINO, 2001, p. 788; p. 791 e n. 1).

⁷ Apesar de sua formação no ambiente intelectual antifascista de Turim, da revista *La Cultura* e da editora Einaudi, Pavese não fez parte nem da ação conspiratória, nem da Resistência, mas foi confinado na Calábria pelo fascismo. Depois da “Liberação” (em 25 de abril de 1945) da ocupação nazifascista, passou a pertencer ao PCI – Partido Comunista Italiano, mas sem crises ideológicas ou mudanças comportamentais, devido ao seu pouco interesse pelo marxismo (CALVINO, 1991, p. 82-84).

Essa declaração é coerente com o que Calvino já afirmara na carta ao filósofo Valentino Gerratana, datada de 15 de setembro de 1950, que contém uma crítica à nota de participação do luto para a revista *Società*, na qual o destinatário fazia parte do conselho de redação. Segundo Calvino, Pavese não sofreu crises políticas, tampouco ideológicas. Não foi marxista e nem tentou sê-lo, apesar de não considerá-lo, por isso, em contradição com as suas buscas, “mas o seu pensamento se desenvolveu por vias próprias e sobre terrenos nos quais quase *não encontrou* [grifo no original] o marxismo” (CALVINO, 2001, p. 301). Apesar de esquivo e não adaptado à vida política, Pavese era dono de uma disciplina rigorosa, que o impeliu, no início de agosto de 1950, a participar do movimento da célula do PCI para a obtenção de firmas para um abaixo-assinado contra a bomba atômica, fato que Calvino também havia reportado ao pai, Mario Calvino, na carta de 28 de julho de 1950. O suicídio de Pavese toma Calvino de sobressalto, como ele desabafa com o pai, na carta de 27/28 de agosto de 1950:

Uma trágica notícia me recebeu na minha chegada. Cesare Pavese, amigo meu, dos mais caros, escritor por mim amadíssimo, um mestre ao qual me liga um débito de gratidão infinita, suicidou-se na noite passada [...]. Vocês compreenderão como a perda de Pavese, que, contudo, é tragicamente coerente com toda a sua personalidade e a sua vida, me baqueou e abateu. (CALVINO, 2001, p. 293).

O sentimento dessa perda ecoa no epistolário, na composição de vários retratos de Pavese, como na carta de 03 de setembro de 1950, destinada à amiga Isa Bezzera:

Não sei se você tem como ler os jornais italianos, e é provável que a notícia lhe tenha escapado e que Pavese seja pouco mais que um nome para você. Mas para mim Pavese significava muito: não apenas um autor preferido, um amigo dos mais caros, um colega de trabalho de anos, um interlocutor cotidiano, mas era alguém a quem devo quase tudo o que sou, que havia determinado a minha vocação, orientado e encorajado e seguido sempre o meu trabalho, influenciado o meu modo de pensar, os meus gostos, até os meus hábitos de vida e as minhas atitudes. (CALVINO, 2001, p. 297).

Como afirma na carta de 28 de outubro de 1964, destinada a Michele Tondo, autor de *Itinerario di Cesare Pavese* [Itinerário de Cesare Pavese] (cuja publicação foi vetada pela Einaudi e realizada pela editora Liviana (1965)), Calvino rejeita uma “reconstrução de biografia psicológica subentendida nas obras”, ao considerar que não podemos saber o que alguém tem em mente, “só podemos estudar a expressão literária ou teórica que quis passar através delas.” (CALVINO, 2001, p. 833).

Porém, observamos que, além dos estudos teórico-literários, as várias cartas que remetem ao suicídio de Pavese possibilitam, sim, vários estudos à luz de psicanálise e

literatura, não apenas pelo conteúdo específico das cartas, mas também pela remissão a obras que podem ensinar tais estudos, quando agregadas à bibliografia da ciência específica.

Para ilustrar esse pensamento que revela a abrangência dos temas tratados no epistolário, tomemos novamente a carta de 15 de setembro de 1950 a Valentino Gerratana: nela, Calvino rejeita a ideia do suicídio como um mal “contagioso”, quando muito, aceitaria a ideia de um mal “catártico”, por ter sido um “motivo dominante” na vida do escritor: “o seu desespero não era o da vanidade do viver, mas de não poder alcançar aquela inteireza de vida que desejava e que terminou – mas não podia justificá-lo senão ele mesmo – por buscar na morte. Mas *o importante é falar da luta contra este seu mal* [grifo no original].” (CALVINO, 2001, p. 300).

Calvino relembra *Il mestiere di vivere: diario 1935-1950* [*O ofício de viver* (2004)] de Pavese (organizado por ele, Natalia Ginzburg e Massimo Mila, que será publicado em 1952) e sua crítica – “É um documento impressionante que, acredito, resista ao confronto com os clássicos do gênero” (CALVINO, 2001, p. 300) – já poderia despertar o interesse pelo estudo do *texto* que remete aos sucessivos retratos de Pavese em suas crises alternadas entre a constância do desejo de suicídio e os períodos de “atividade criativa e reflexiva”: “É a história da luta de um homem para quem viver era difícil, para inserir-se na vida – ou para viver o suficiente e dizer o suficiente para poder depois morrer.” (CALVINO, 2001, p. 301). Vista sob o ponto de vista da pesquisa, essa reflexão pode despertar a iniciativa para vários estudos no campo teórico e esse é um dos valores do texto epistolar de grandes escritores e intelectuais.

Os dois escritores trabalhavam juntos, o que dispensava a troca epistolar, mas, em contrapartida, Calvino escreve muito sobre Pavese, como se observa em *Saggi 1945-1985* [Ensaio 1945-1985], nos anos 1946 a 1948, 1955, 1959, 1962, 1965, 1966, especificamente sobre a obra, mas também em 1984, em artigos no jornal *La Repubblica*, nos quais a sua presença mergulha na intertextualidade das páginas autobiográficas calvinianas. A única carta destinada a Pavese, constante do epistolário, é datada de 27 de julho de 1949, escrita durante as férias em Sanremo, na qual Calvino faz sua crítica ao autor de *Tra donne sole* [*Mulheres sós* (1988)], publicado na coleção “Supercorrallo” [Supercoral] naquele ano:

Um romance que logo decidi que não me agradaria [...] é certamente um modo novo de ver as mulheres, e de obter vingança alegre ou triste [...] a verdadeira mensagem do livro é um aprofundamento de seu ensinamento de solidão, com algo mais de novo sobre o sentido do trabalho, sobre o sistema trabalho-solidão, sobre o fato de que as relações entre seres humanos, não fundadas no trabalho, tornam-se monstruosas, sobre a descoberta das novas relações que nascem do trabalho. (CALVINO, 2001, p. 250).

No ensaio “Pavese: essere e fare” (1960) [“Pavese: ser e fazer” (2006)], escrito em homenagem ao escritor por ocasião do décimo aniversário de sua morte e publicado em *L’Europa letteraria* (1960), não obstante seu “desagrado” em relação ao citado livro, Calvino reconhece que “talvez o verdadeiro ideal pavesiano seja: quem tem toda a sabedoria de quem sabe e a segura autossuficiência de quem faz” (CALVINO, 2001c, v. I, p. 78), como a personagem Clelia, o que, de certo modo, reafirma o que diz no ensaio “Il midollo del leone” (1955) [O miolo do leão (2006)], publicado em *Paragone* (1955): “Certamente o personagem mais belo de um escritor que não acreditava nos personagens, Pavese, é Clelia de *Tra donne sole* [*Mulheres sós*]”. (CALVINO, 2001a, v. I, p. 14).

No livro *Italo Calvino: il castello della scrittura* (1994) [Italo Calvino: o castelo da escrita], na seção intitulada “Italo Calvino e Cesare Pavese”, Giorgio Bertone reafirma a importância do prefácio pavesiano a *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947) [*A trilha dos ninhos de aranha* (2004)], mas chama a atenção para o fato de Pavese ser um modelo artístico inimitável, dificultado pela dramática psique, do qual Calvino procurou desligar-se (“o jovem aprendiz, ao longo daqueles anos, muda sensivelmente de objeto e alvo”), não caindo na armadilha de segui-lo tão de perto, embora sempre o estimando como “ponto de referência essencial”, apesar de mantê-lo ausente em *Lezioni americane: Sei proposte per il prossimo millennio* (1988) [*Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas* (1990)] (BERTONE, 1994, p. 93).

Sobre essa ausência, sem a pretensão de tentar justificar Calvino, mas por uma obrigação ética, lembramos que, na carta de 03 de junho de 1960 destinada ao poeta Alfonso Gatto, ao elogiar-lhe o ensaio “I racconti di Pavese” [Os contos de Pavese] (publicado em *Paragone*, em abril de 1960), como um “sinal dos frutos que a obra de Pavese ainda dá”, Calvino desabafa: “quanto a mim, parece que não consigo mais escrever sobre ele” (CALVINO, 2001, p. 653), talvez por ter vivido um estado de *imersão* na obra pavesiana, como revela ao crítico Geno Pampaloni, na carta de 16 de outubro de 1962:

há mais de um mês estou totalmente imerso nos estudos pavesianos: preparo, na série das ‘Opere’ [Obras], o volume das poesias: juntei aquele livro dos manuscritos [...] o exame dos manuscritos e das minutas me estimulou a transcrever as variantes mais iluminantes sobre o significado e a gênese de cada poesia; não para uma edição crítica, que não é empresa editorial possível, mas para dar o máximo de instrumentos úteis à exegese. (CALVINO, 2001, p. 718).

Dois anos depois, Calvino estará envolvido na organização do epistolário pavesiano: “será um livro rico e importante além de toda expectativa” (CALVINO, 2001, p. 809), afirma ao poeta Vittorio Sereni, na carta de 06 de maio de 1964. Em 1971, estará envolvido em

orientar a tradutora Esther Benítez no preparo de uma seleção epistolar de Pavese em espanhol, como revela a carta de 29 de abril. Segundo ele, um comentário do tradutor que corresponda efetivamente ao significado das cartas pavesianas deve levar em consideração o “isolamento” da cultura italiana naquela época, o que torna mais relevante o trabalho dos tradutores e editores (como Pavese e Vittorini) em abrir espaços novos e não apenas literários, como os espaços políticos, influenciadores do amadurecimento da geração dos estudantes e intelectuais que combateriam na Resistência. (CALVINO, 2001, p. 1100).

Calvino também explica à tradutora a breve adesão de Pavese ao fascismo para obter um emprego, embora suas ideias e amigos estivessem nitidamente do outro lado, tanto que foi expulso e confinado. Sobre o modo pavesiano de ser “apolítico”, Calvino reafirma: “Pavese era um caso raro de literato imerso na política, como consciência do sentido histórico e civil das operações literárias”. Por esse motivo, deseja que ele “não seja visto como um exemplo de escritor *engajado* [grifo no original], mas como algo muito mais complexo e contraditório.” (CALVINO, 2001, p. 1100-1101).

Desse modo, sob o ponto de vista da passagem da obra pavesiana pelo tempo, podemos dizer que ela alcança um *status* “clássico” no século XXI, como afirma Pierangeli no ensaio *Em diálogo com Pavese, a sessenta anos de sua morte*, porque “estudos e edições acuradas [dão] a Pavese o perfil que lhe cabia, o de um clássico do século XX, pelo estilo, pela inconfundível voz narrativa e poética, pelo trabalho editorial e de tradutor” (PIERANGELI, 2012, p. 98) e, podemos dizer, nesse movimento, perpetua-se o trabalho assíduo e meticuloso de Calvino ao divulgar-lhe a obra, permitindo a multiplicação de seus retratos, sobretudo os literários.

Saindo especificamente do ambiente da Einaudi, marcado pelas fortes presenças de Vittorini e Pavese, com suas contribuições para a vida de Calvino como editor e escritor, o epistolário se abre em alguns retratos de Elsa Morante, cuja obra ele acompanhou de perto, desde os primeiros passos editoriais, e a quem sempre esteve ligado com ternura e lembrança constante.

Elsa Morante: “um modo raro de ver o mundo”

O epistolário com Elsa Morante, vencedora do prêmio *Viareggio* com o romance *Menzogna e sortilegio* (1948) [Mentira e sortilégio], abre-se com as informações de Calvino sobre a realização de uma de suas primeiras resenhas:

Menzogna e sortilegio [Mentira e sortilégio] que, embora pareça começar de um jogo fabulístico refinadíssimo e artificioso, é um romance sério, repleto de seres

humanos vivos e, embora sem descobrir intenções de polêmica social, é penetrado até o cerne, inteiramente, desesperadamente, pela dolorosa condição de uma humanidade dividida em classes e não esquece, por um instante, a situação da sociedade em que se move. (CALVINO, 2001f, v. I, p. 1194).

Na carta de 16 de agosto de 1948, destinada a Morante, Calvino informa o envio da resenha (publicada originariamente em *L'Unità*, em 17 de agosto daquele ano): “Ontem mandei para Turim a resenha que espero saia amanhã, terça-feira. Eu lhe mandarei o número assim que chegar. Você verá ali o meu juízo, severamente marxista-leninista.” (CALVINO, 2001, p. 227). Na carta de 03 de setembro de 1948, ele expressa à escritora sua alegria pela realização: “Estou mesmo contente por minha resenha ter-lhe agradado. Já ouvi falar de pessoas com vontade de ler o livro por causa do meu artigo e de outras que, tendo lido o artigo, disseram: Bem, agora já se sabe como é o livro, é inútil lê-lo.” (CALVINO, 2001, p. 229).

No começo da carreira, Calvino talvez nem sequer imaginasse transformar-se em um ativo epistológrafo, mas já sabia reconhecer, neste meio de comunicação tão comum também na sua época, a importância para a discussão de ideias. E Elsa Morante será uma de suas gratas interlocutoras, como revela na carta de 02 de março de 1950: “Estou contente porque você me escreveu [...] receber cartas me dá muito prazer; sobretudo se vêm de uma daquelas pouquíssimas pessoas, como você, a quem sei que é possível *dizer algo* [grifo no original].” (CALVINO, 2001, p. 271). Calvino fala de suas dúvidas sobre o já mencionado *Il bianco veliero* [O branco veleiro], cuja publicação foi desaconselhada por Vittorini e, ao fazer a autocrítica, ele cria um retrato de Morante: “Talvez não lhe agrade ouvir um autor que fala de um livro próprio com uma espécie de distanciamento hostil, você que se liga, pela vida e pela morte, quase se identifica com as coisas que faz.” (CALVINO, 2001, p. 272).

Nesse retrato, observamos que para Calvino as características marcantes da escritora se revelam na propriedade de reunir “os elementos mais disparatados”, reconduzindo-os à unidade, graças à sua capacidade de síntese. Embora sentindo a fragmentação do mundo e a necessidade de considerar coisas que “são muitíssimas e incomensuráveis entre si”, Morante consegue medi-las com justeza, graças à sua “lúcida e afeiçoada obstinação” (CALVINO, 2001 p. 272).

Na carta de 09 de agosto de 1950, ele confirma o valor da troca epistolar com Morante – “as suas cartas, tão raras, são sempre bem-vindas” – ao tempo em que reconhece a sua capacidade de crítica, desta vez, em resposta à leitura solicitada de *Il bianco veliero* [O

branco veleiro]: “ainda que, como a última, contenham críticas severas”⁸, precisamente a construção do livro feita “a frio”. Ele reconhece a difícil fase de elaboração narrativa pela qual passa (“Percebo que foi a pressão da história a levar-me adiante, mas, depois, deixou-me”), ao tempo em que, diante desses motivos, solidariza-se com as preocupações elaborativas da escritora: “Entenderá o quanto concordo com você e compreendo as suas aflições.” (CALVINO, 2001, p. 290).

A inclusão de Calvino e Morante (ao lado de Dino Buzzati) na linha da narrativa italiana da transfiguração fantástica (BARENGHI, 2009, p. 99-100) se confirma na carta de 28 de julho de 1953, na qual Calvino comenta sua leitura do conto *Lo scialle andaluso* (1953) [O xale andaluz]: “É um belo conto, profundo e tranquilo, com aquela luz noturna e quase fantástica e aquele arrebatamento heroico-infantil que é a sua pedra angular e um motivo muito seu.” (CALVINO, 2001, p. 374)⁹.

Ele reitera essa impressão na carta de 25 de outubro de 1956, ao fazer a crítica de *L'isola di Arturo* (1957) [*A ilha de Arturo* (2005)], positiva, exceto por alguns aspectos da linguagem: “Agrada-me muito a qualidade da sua fantasia, tão rica de contínuas invenções e de imagens, de prazer da natureza e dos homens, esta sua imersão em um mundo quase visionário de poucos personagens e sentimentos levados ao extremo e de uma paisagem essencial [...]” (CALVINO, 2001, p. 466). E Calvino acrescenta outras características ao retrato da escritora, tais como concretude na narrativa, sentimento vivo e verdadeiro das coisas e das pessoas. Para nós, leitores, ele apresenta sua visão do caráter de Morante: “você acredita no gênero humano, tem admiração, sentido da beleza e da excepcionalidade humana: um modo raro, hoje, de ver o mundo.” (CALVINO, 2001, p. 467).

Em um intervalo de cerca de 15 anos, passam pelo epistolário calviniano retratos fugidios de Morante, nos quais se delineiam algumas pistas. Na carta de 05 de dezembro de 1958, em resposta à de 30 de novembro, na qual Morante lhe elogia a publicação de *Racconti* (1958) [Contos] e lhe passa suas impressões de uma viagem à Pérsia (Irã), Calvino fala da tristeza ali percebida – “tristeza e beleza, ou seja, verdade, são dois termos inseparáveis [...] apreciei muito a imagem da cadeia de montes circular e as irreais impressões de viagem” – e

⁸ E ele continua a solicitar o parecer de Morante sobre sua obra, como revela, na carta de 17 de setembro de 1954, ao receber avaliação positiva (“um sentido minucioso e completo das coisas e dos sentimentos” é uma “verdade” no estilo de Calvino, segundo ela) do conto *L'entrata in guerra* (1954) [A entrada na guerra]: “Estimo muito o seu julgamento – de você que me seguiu em todo o meu trabalho – e estimo muito este livro” (CALVINO, 2001, p. 415).

⁹ Essa mesma conclusão é referendada pelo próprio Calvino no ensaio *Tre correnti del romanzo italiano d'oggi* (1959) [*Três correntes do romance italiano de hoje* (2006)]: “Eu também estou entre os escritores que partiram da literatura da Resistência, mas aquilo a que não quis renunciar foi a carga épica e aventureira, de energia física e moral.” (CALVINO, 2001b, v. I., p. 73).

assinala a expectativa da Einaudi em relação ao livro da escritora para o ano novo, que ele denomina “o ano de *Nerina*” (CALVINO, 2001, p. 573 e n. 1). Contudo, iniciada em 1950, tal obra permanecerá incompleta.¹⁰

Aspectos da ternura de Calvino em relação a Morante se revelam também quanto às suas crises depressivas e ao medo da velhice que assolava a vida da escritora, como se observa na citada carta de 28 de julho de 1953, em que ele lhe escreve também sobre a alegria de ver uma foto de ambos nas colunas do jornal *L'Europeo*: Calvino critica a inclusão da data de nascimento da escritora (então com 41 anos) no boxe biográfico: “que indelicados, colocar as datas para as senhoras! Depois refleti e disse a mim mesmo: – mas está errada, ainda por cima! – Como pode ver, tenho uma sensibilidade instantânea para tudo aquilo que lhe diz respeito...” (CALVINO, 2001, p. 374).

Talvez o estado depressivo da escritora se manifeste, por algum motivo, também em relação a Calvino, é o que nos deixa entrever a carta de 10 de janeiro de 1974, em que ele insiste em reafirmar-lhe o afeto:

Mas, não, não estou aborrecido com você! Acabarei por me aborrecer se você continuar a acreditar que eu esteja aborrecido... Não, não, veja que o velho Calvino (e também o jovem Calvino em seus tempos), das pessoas a quem (se você permite) quer bem, recorda apenas coisas agradáveis, como de você, cara Elsa, e assim quero que você continue a voar alta sobre a nuvem de esquecimento que ocupa tanta parte da minha memória]. (CALVINO, 2001, p. 1225).

Finalmente, vem a lume o esperado livro de Morante, *La storia* [*A história* (1974)], um sucesso de editoria em 1974. Na carta de 06 de agosto de 1974, Calvino expressa sua preocupação em encontrar uma nova linha crítica para a obra, por não concordar com o que lê nos jornais: “o valor do seu livro, para mim, está em partir da literatura italiana do pós-guerra tomada como *epos* coletivo, e em dar a essa matéria uma construção *romanesca* [grifos no original], isto é, com a força mítica que originariamente a forma romance traz em si”

¹⁰ Em 23 de janeiro de 1963, ao tratar questões editoriais com a escritora Lalla Romano Monti, Calvino deixa entender que não se sabe de outro livro de Morante também interrompido (será, provavelmente, o romance *Senza i conforti della religione* [Sem os confortos da religião], escrito no período 1958-1961 e abandonado (Calvino, 2001, p. 729) Os manuscritos dos dois livros foram expostos na mostra *Santi, Sultani e Gran Capitani in camera mia. Inediti e ritrovati dall'Archivio di Elsa Morante* [Santos, sultões e grandes capitães no meu quarto. Inéditos e achados no arquivo de Elsa Morante], promovida na Biblioteca Nazionale Centrale di Roma [Biblioteca Nacional Central de Roma], em 2012, em homenagem ao centenário de nascimento da escritora. Essa biblioteca é a detentora do arquivo pessoal da escritora (manuscritos, datiloscritos, material preparatório, provas de impressão de suas obras principais, escritos menos conhecidos e nunca republicados, inéditos).

Ver: MORANTE, Elsa. *Santi, Sultani e Gran Capitani in camera mia. Inediti e ritrovati dall'Archivio di Elsa Morante*. Biblioteca Nazionale Centrale di Roma. Disponível em: <<http://www.bncrm.librari.beniculturali.it/index.php?it/790/eventi/329/santi-sultani-e-gran-capitani-in-camera-mia-inediti-e-ritrovati-dallarchivio-di-elsa-morante>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

MORANTE, Elsa. *Le stanze di Elsa*. Biblioteca Nazionale Centrale di Roma. Disponível em: <<http://193.206.215.10/morante/index.html>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

(CALVINO, 2001, p. 1246). Mas ele não deixa de demonstrar os pontos de seu maior afastamento do livro, como a afetividade humana nos animais¹¹, a indefinição do narrador e uma impossibilidade: “no seu ecletismo estilístico não consigo superar o obstáculo (para mim) da expressividade afetiva que permanece como o tom poético fundamental.” (CALVINO, 2001, p. 1247).

A última carta de Calvino a Morante, datada de 14 de abril de 1983, revela uma sutileza na reafirmação do sentimento que o liga à escritora:

Penso em você com afeto, cara Elsa, como um velho amigo, ainda que não nos vejamos há anos. Apenas ontem, voltando de uma viagem, soube que você está *ali* [grifo nosso] e quero mandar-lhe esta saudação, carregada de tantas coisas que não saberia exprimir, como sucede quando faz tanto tempo que não se fala, mas apenas gostaria de fazê-la saber que, entre as pessoas que lhe querem bem, está sempre Calvino. (CALVINO, 2001, p. 1501).

Para o autor da lição sobre a exatidão, “a palavra liga o traço visível à coisa invisível, à coisa ausente, à coisa desejada ou *temida* [grifo nosso]”, pois “o justo uso da linguagem” permite a aproximação a tais coisas “com discricção e atenção e cautela, com o respeito àquilo que as coisas (presentes ou ausentes) comunicam sem palavras.” (CALVINO, 2001e, v. I, p. 694). Talvez por isso, na carta acima, um simples advérbio de lugar (lì [ali]), expressa uma carga de pesar e de amizade: Morante estava internada havia alguns meses na *Clinica Villa Margherita* em Roma (onde viria a falecer em 25 novembro de 1985, cerca de dois meses depois do amigo Calvino).

Conclusão

Momentaneamente fechamos o epistolário de Calvino, como quem fecha um álbum de fotografias: suas cartas revelam muitos “retratos”, diríamos, felizes, sobretudo pela interlocução sobre literatura, em que oposição e harmonia se contrapesam, com contribuições valiosas tanto para a teoria e a crítica literária como para o entendimento de aspectos da política e da sociedade italiana, as quais podem ser ampliadas com novas pesquisas, inclusive sobre os autores aqui retratados.

Parece ainda válido ressaltar que, como é próprio da vida, as cartas de Calvino também revelam a História: “Agora é que realmente se sente a necessidade de que sejam os escritores a impulsionar a história!”, escreve na carta de 09 de agosto de 1954 a Morante (CALVINO, 2001, p. 290), o que nos leva a refletir sobre o fato de que cada “autor real é um

¹¹ Talvez reflexo do apego aos animais, tanto que, na carta de 22 de dezembro de 1960, em seus desejos de Boas Festas, Calvino não esquece os gatos de Elsa: “[...] um belíssimo Natal e um felicíssimo ano-novo para você, para os seus livros e os seus gatos.” (CALVINO, 2001, p. 672).

ser biológico, de existência histórico-social, dotado de responsabilidade jurídica, que existe fora do texto e o antecede como [seu] produtor [...]” (JUNKES, 1977, p. 33). Se, por um lado, nos anos pós-Segunda Guerra Mundial, as expressões literárias revelam exemplos de superação, não obstante amalgamados também na força amargurada resultante dos sofrimentos pessoais, como ocorre com a doença de Vittorini, o suicídio de Pavese e a depressão de Morante, por outro, emolduram, intelectual e sensivelmente, os “retratos” desses escritores, sempre em prol de um projeto de reflexão sobre literatura e sociedade.

Referências

BARENGHI, Mario. *Calvino*. Bologna: Il Mulino, 2009.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. de Mário Laranjeira. Revisão de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

_____. *A câmara clara*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BERTONE, Giorgio. *Italo Calvino: il castello della scrittura*. Torino: Einaudi, 1994.

CALVINO, Italo. *Lettere 1940-1985*. A cura di Luca Baranelli. Introduzione di Claudio Milanini. Cronologia a cura di Mario Barengi e Bruno Falchetto. Avvertenza di Luca Baranelli. 2.ed. Milano: Mondadori, 2001.

_____. *I libri degli altri: Lettere 1945-1981*. A cura di Giovanni Tesio. Nota di Carlo Fruttero. Nota al testo di Giovanni Tesio. Torino: Einaudi, 1991.

_____. Il midollo del leone. In: _____. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3.ed. V. I. Milano: Mondadori, 2001a, p. 09-27.

_____. Tre correnti del romanzo italiano d’oggi. In: _____. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3.ed. V. I. Milano: Mondadori, 2001b, p. 61-75.

_____. Pavese: essere e fare. In: _____. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3.ed. V. I. Milano: Mondadori, 2001c, p. 76-82.

_____. Vittorini: progettazione e letteratura. In: _____. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3.ed. V. I. Milano: Mondadori, 2001d, p. 160-187.

_____. Lezioni americane: Sei proposte per il prossimo millennio. In: _____. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3.ed. V. I. Milano: Mondadori, 2001e, p. 627-753.

_____. Un romanzo sul serio (*Menzogna e sortilegio* di Elsa Morante). In: _____. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3.ed. V. I. Milano: Mondadori, 2001f, p. 1194-1198.

_____. Letteratura e potere (su un saggio di Alberto Asor Rosa). In: _____. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3.ed. V. II. Milano: Mondadori, 2001g, p. 1832-1840.

_____. Pavese, Carlo Levi, Robbe-Grillet, Butor, Vittorini... In: _____. *Saggi 1945-1985*. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3.ed. V. II. Milano: Mondadori, 2001h, p. 2717-2723.

DI GRADO, Antonio. Vidas Paralelas: Vitaliano Brancati, Elio Vittorini. Trad. de Patricia Peterle. In: PETERLE, Patricia; GASPARI, Silvana de (Orgs.). *Itália do pós-guerra em diálogo*. Niterói, RJ: Comunidade, 2012, p. 88-97.

GUERINI, Andréia; MOYSÉS, Tânia Mara. Calvino e a tradução. *Cadernos de Tradução* (UFSC), v. 1, n. 25, p. 29-50, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v1n25p29/13958>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

JOYCE, James. *A Portrait of the Artist* [The 1904 Portrait]. Disponível em: <http://www.ricorso.net/rx/library/authors/classic/Joyce_J/St_Hero/1904_PA.htm>. Acesso em: 09 jan. 2015.

JUNKES, Lauro. *AUTORidade e Escritura*. Florianópolis: ACL; Editora da UFSC, 1977.

MORANTE, Elsa. Santi, Sultani e Gran Capitani in camera mia. Inediti e ritrovati dall'Archivio di Elsa Morante. Biblioteca Nazionale Centrale di Roma. Disponível em: <<http://www.bncrm.librari.beniculturali.it/index.php?it/790/eventi/329/santi-sultani-e-gran-capitani-in-camera-mia-inediti-e-ritrovati-dallarchivio-di-elsa-morante>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

_____. Le stanze di Elsa. Biblioteca Nazionale Centrale di Roma. Disponível em: <<http://193.206.215.10/morante/index.html>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

MOYSÉS, Tânia Mara. *Lettere e i libri degli altri*: lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino. 368 f. Tese (Doutorado). Orientação de Andréia Guerini - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0424-T.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

PIERANGELI, Fabio. Em diálogo com Pavese, a sessenta anos de sua morte. Tradução de Luís Ernani Fritoli. In: PETERLE, Patricia; GASPARI, Silvana de (Orgs.). *Itália do pós-guerra em diálogo*. Niterói, RJ: Comunidade, 2012, p. 98-108.

Portrayals of writers in the letters by Italo Calvino: Vittorini, Pavese, Morante

Abstract: The purpose of this paper is to capture and analyze some “portrayals” of the Italian writers Elio Vittorini (1908-1966), Cesare Pavese (1908-1950) and Elsa Morante (1912-1985), present in Italo Calvino’s epistolary, constituted by *Lettere 1940-1985* (2001) and *I libri degli altri: Lettere 1947-1981* (1991). In advance, we know that these “portrayals” are partial, their dates are the same when compared to the respective letters, some of them multiply more, updating in sequence along the way, some less, as threads that compose the texture of the intellectual and human relationship that Calvino (1923-1985) reveals to have

with them. The choice of these three names is justified by the fact that they are some of his main interlocutors (Vittorini and Pavese, strong presences in the Publisher Einaudi of Turin, where Calvino has worked for over thirty years, and Elsa Morante, writer and friend whose career was closely followed by him), with crucial contributions to Calvino's personal and intellectual life, and, moreover, since this epistolary exchange constitutes a testimony of Italian literary, political, and social life from 1940 to 1985.

Keywords: Italian Literature. Italo Calvino. Epistolary. Writers. Portrayals.

